

# humanitas



**Vol. XI-XII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*Vol. 1*  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIX-LX



## O MILHAFRE, A GARÇA E O BÁRATRO

NOS FRAGMENTOS DE HIPÓNAX

### I

Ao ocupar-se, na sua *Exegesis in Hephaestionem* (1.7 [Περὶ κοινῆς συλλαβῆς]), dos grupos πτ e κτ, que, algumas vezes — bem raras, todavia —, não «fazem posição», o gramático Querobosco exemplifica a doutrina com um verso de Homero (δ 229 Αἰγυπτίη, τῆι πλεῖστα φέρει ζείδωρος ἄρουρα) e dois de Hipónax (frgs. 14a e 14b Diehl-Beutler), o primeiro dos quais se apresenta assim na última edição da *Anthologia lyrica Graeca* (Leipzig, 1952) e no volume II dos *Elegíacos y yambógrafos arcaicos* (Barcelona, 1959) de Rodríguez Adrados (frg. 20):

δοκέων ἐκεῖνον τῆι βακτηρίαι κόψαι  
(βακτηρίηι Adrados).

Texto de confiança? Não parece. Dos três códices que nos conservam o comentário a Heféstion — U (*Vaticanus*), K (*Venetus*) e S (*Sai-bantianus*) —, apenas U, o melhor e o mais completo, nos dá os fragmentos de Hipónax; ora, para a segunda palavra do verso mencionado, a lição do manuscrito é diferente:

δοκέων ἐκτεῖνον . . . .

A alteração manifesta da forma justificava, no entanto, uma intervenção — emenda ou retoque, pelo menos. Consbruch, em hora afortunada, lançou *ἐκεῖνον* e obteve a adesão da maioria dos editores: exceptuemos Knox (*Herodes, Cercidas and the Greek choliambic poets*,

Londres-Cambridge, 1929), o qual, se bem que de ordinário propenso às inovações, preferiu, neste caso, retrair-se e assinalar a *crux* (frg. 2):

δοκέων † εκτ † ἴνον [sic] . . . .

Mas a sua tradução frontal — «thinking 'twas him I smote with my cudgel» (p. 15) — demonstra que, nessa altura, ele não dissentia profundamente da opinião dos outros estudiosos.

E foi Maas que, em breve adenda da sua *Griechische Metrik* (2.<sup>a</sup> ed., Leipzig-Berlim, 1929), incidentalmente propôs a correcção mais natural (p. 37):

δοκέων ἰκτῖνον . . . .

A sugestão, porém, desacompanhada de quaisquer argumentos, não despertou a atenção que merecia: Perrotta (*Il poeta degli epodi di Strasburgo*, «St. it. filol. class.», 15 [1938], p. 25), interessado em obter, nos fragmentos comprovados do iambógrafo, um exemplo de *ἐκεῖνος* paralelo ao que figura no epodo segundo de Estrasburgo, enjeitou sem exame a correcção de Maas; Diehl e Adrados nem sequer a mencionaram no aparato crítico das suas edições; e apenas Knox, em artigo motivado pelo de Perrotta (*On editing Hipponax: a palinode?*, «St. it. filol. class.», 15 [1938], p. 194 e n.), se mostrou disposto a aceitar, com dúvida, a forma *ἰκτῖνον*.

O merecimento particular do códice U — único, por sinal, a conservar a boa lição *μάκαρ* (grafado *μάκηρ*?) *ὅτις* do frg. 30 Diehl-Beutler de Hipónax (K e S dão as formas aticizadas *μακάριος ὅστις*<sup>1</sup> — era, já de si, uma recomendação ponderosa, a melhor de todas, em favor da genuinidade da correcção de Maas. Mas podem invocar-se outros argumentos que a corroborem. Em primeiro lugar, um trecho de Aristófanes (*Aves*, 493-499), que, em dois ou três pormenores, supomos livremente inspirado pelo fragmento hiponacteu. Quando Pistetero se entusiasma a proclamar as excelências do galo — ave entre todas privilegiada por usar «tiara direita», como o rei dos Persas... —, Euél-

<sup>1</sup> Ainda aceites por Bergk e Diehl-Beutler: mas o primeiro não chegou a poder utilizar o códice U, e é por isso que os *Poetae lyriici Graeci*, até à última edição (Leipzig, 1882) publicada em vida do autor, ignoram os frgs. 14a e 14b Diehl-Beutler. Adrados dá correctamente *μάκαρ ὅτις* (frg. 43).

pides maliciosamente observa que, com os seus prematuros toques de alvorada, já o decantado animal o fez perder uma capa de lã frígia. Ia ele a sair os muros da cidade, caminho de Halimonte, quando um ladrão o agrediu e espoliou do indumento:

496 *κἀγὼ νομίσας ὄρθρον ἐχώρουν Ἐλιμουντάδε, κἄρτι προκύπτω  
ἔξω τείχους καὶ λωποδύτης παίει ῥοπάλοι με τὸ νῶτον·  
κἀγὼ πίπτω μέλλω τε βοᾶν, ὃ δ'ἀπέβλισε θοῖμάτιόν μου.*

Pistetero não comenta directamente o à-parte do companheiro, mas, considerando encerrado o panegírico do galo, transfere — por associação de ideias — os seus elogios para o milhafre (499):

*ἰκτίνος δ'οὖν τῶν Ἑλλήνων ἦρχεν τότε<sup>2</sup> κἀβασίλευεν.*

E logo Euélpides contrapõe a sua glosa: também ele em tempos se prosternara, confiante, para adorar o milhafre; mas o ganho que teve — foi tornar a casa... com o saco vazio.

O *ἰκτίνος* era, de facto, entre os Gregos, emblema de rapinadores (Thompson, *A glossary of Greek birds*, Londres, 1936, pp. 68-69): e sobretudo dos rapinadores da carne dos sacrifícios. Ainda nas *Aves*, Pistetero interrompe com um brado de cómico pavor a jaculatória do sacerdote que invocava os novos deuses de Nefelococígia:

889 *παῦ· ἐς κόρακας· παῦσαι καλῶν. ἰὸν ἰού·  
ἐπὶ ποῖον, ὦ κακόδαιμον, ἱερεῖον καλεῖς  
ἀλαιέτους καὶ γῦπας; οὐκ ὄραῖς ὅτι  
ἰκτίνος εἰς ἄν τοῦτό γ'οἴχοιθ' ἀρπάσας;*

E, perto do fim da peça, o mesmo Pistetero dá esta garantia aliciante aos parlamentários de Zeus:

1618 *ἐάν τις ἀνθρώπων ἱερεῖόν τωι θεῶν  
εὐξάμενοι εἶτα διασοφίζηται λέγων·  
'Μενετοὶ θεοί', καὶ μᾶποδιδῶι μισητίαι,  
ἀναπράξομεν καὶ ταῦτα.*

<sup>2</sup> Note-se a propositada ambiguidade do advérbio *τότε*: 'nessa altura' (a que Euélpides se referira) e 'outrora' (quando as aves senhoreavam).

(ΠΟΣ.) φέρῳ ἴδω τῶι τρόπῳι;  
 (ΠΙΣ.) ὅταν διαριθμῶν ἀργυρίδιον τύχη  
 ἄνθρωπος οὗτος, ἢ καθῆται λούμενος,  
 καταπτόμενος ἰκτίνος ἀρπάσας λάθραι  
 προβάτοιν δυοῖν τιμὴν ἀνοίσει τῶι θεῶι.

Isto é: o relutante perderá, em vez da ovelha única que prometera ao deus, nada menos de duas<sup>5</sup>. Héracles, o clássico glutão da sátira antiga, vota sem demora pela entrega do ceptro às aves; e, para obter a maioria (são três os embaixadores), ameaça com a sua clava o deus bárbaro Tribalo:

1628 ὁ Τριβαλλός, οἰμώζειν δοκεῖ σοι;

O infeliz, atemorizado, exclama:

σαν νακα  
 βακταρι κρουσα

— *pidgin-Greek* em que facilmente se reconhecem *σέ*, uma negativa, *βακτηρία* e *κροῦσαι*<sup>4</sup>, e que recorda bem de perto o fragmento do poeta efésio.

Não menos significativo dos predicados da *rapacissima et famelica semper ales* (Plín., *Nat. hist.* 10.12) é este exemplo tomado da *Paz* (1099-1101):

(IEP.) φράζεο δή, μή πώς σε δόλωι φρένας ἔξαπατήσας  
 ἰκτίνος μάρψῃ —  
 (TPY.) τουτὶ μέντοι σὺ φυλάττου  
 ὡς οὗτος φοβερός τοῖς σπλάγχνοις ἐστὶν ὁ χρησμός.

Por último, deixando Aristófanes<sup>5</sup>, encontramos em um epigrama de Automédon, inserto na *Antologia Palatina* (11.324.1-6), a notícia de

<sup>3</sup> Observação de Van Daele, *Aristophane* (col. Budé), III, p. 102, n. 3.

<sup>4</sup> Van Daele, *ibid.*, p. 102, n. 4.

<sup>5</sup> Cf. também o frg. 628 Kock: ἰκτινα [sic] παντόφθαλμον ἄρπαγα τρέφων; e Semónides 10 Diehl-Beutler (11 Adrados) σπλάγχν' ἀμφέποντες αὐτίκ' ἰκτίνου δίκην, Sófocles, frg. 767 Nauck ἰκτίνος ὡς ἔκλαξε παρασύρας κρέας, Menandro, frg. 672 Körte † ἀλλὰ προσέδωκας τάλαντον εἶναι παρ' ἡμῖν τὸν ἰκτινον †, Luciano, *Tim.* 54 προαρπάζων ὡσπερ ἰκτίνος τὰ ὄψα. Entre os latinos, são frequentes as referências

um depredador de sacrifícios, chamado Άρριο, provido de unhas mais potentes que as garras de um milhafre:

ἄδεξαι, Φοῖβε, τὸ δεῖπνον, ὃ σοι φέρω. ἦν τις ἐάσει,  
δέξομαι. ἔπειτα φοβῆμι καὶ σὺ τι, Λητοῖδης;  
οὐδένα τῶν ἄλλων, πλὴν Ἄρριον· οὗτος ἔχει γὰρ  
ἄρπαγος ἰκτίνου χεῖρα κραταιότερην,  
ἀκνίσου βωμοῖο νεωκόρος· ἦν τελέσει δὲ  
τὴν πομπήν, ἄρας ὄιχεθ' ἅπαντα πάλιν.<sup>6</sup>

Temos, portanto, que a rapacidade inextirpável do ἰκτίνος fazia dele um *λωποδύτης*, a sua insaciável voracidade convertia-o em *βωμολόχος*. Ora não deixa de ser curioso observar que o fragmento papi-ráceo X Diehl-Beutler (118 Adrados) de Hipónax é dirigido contra um indivíduo alcunhado Sanas ou Sano<sup>6</sup>, que o poeta acusa de alimentar um «nariz sacrílego» (v. 1 ῥίνα θεό[συλιν, segundo Lobel; ῥ. θεο[ισ-χθρήν, na opinião de Vogliano e Fränkel; ῥ. θεο[μυσῆ, para Latte) e ser incapaz de dominar o ventre (v. 2 καὶ γαστροῦς σὺ κατακρα[τεῖς), porquanto a sua boca tem a avidez do bico de uma garça (v. 3 λαιμᾶι δέ σοι τὸ χεῖλος ὡς ἐρωιδισῶ). Não contente com aspirar — o que seria já *riaculum* — o fumo das carnes dos sacrifícios, Sanas chegava mesmo a devorar parte (os restos, pelo menos) das oferendas destinadas aos deuses: assim parece inferir-se das palavras περιτ[τώματα τὰ ἐν Ἄπόλ[λωνος ἱερῶι], τὰ ἐν κλι]βάνοι περικαύμα[τα, se correctamente integradas por Latte no texto mutilado do comentador anónimo (6. 10-11)<sup>7</sup>. O glutão comportava-se, afinal, como um verdadeiro *βωμολόχος*.

A quem poderá convir, ao mesmo tempo, a alcunha de Σάννας e a acusação de *βωμολόχος*? A ninguém melhor do que a Βύπαλο, o alvo principal dos ataques de Hipónax, apodado de ἀνδριάντα τὸν λίθινον

ao milhafre como símbolo de rapacidade: por ex. Plauto, *Aul.* 316, *Men.* 212, *Poen.* 1292, *Pseud.* 852, *Rud.* 1124, Terêncio, *Phorm.* 330, Cícero, *Epist. ad Quint. fr.* 1.2.6.

<sup>6</sup> κύριον ὄνομα... ὦ[ι] λαιδορ[εῖται], dirá o comentador anónimo (1.1.2-3): mas cf. σάννας 'alonso, bertoldo' em Cratino (337 Kock) e v. Masson, *Sur un papyrus contenant des fragments d'Hipponax*, «Rev. ét. gr.», 62 (1949), p. 301.

<sup>7</sup> *De Hipponactis epodo* in *De nonnullis papyris Oxyrrhinchis*, «Philol.», 97 (1948), p. 45, n. 1.

'mamarracho de pedra' (imagem da estupidez) no frg. 10 Bergk (11 Adrados), e contubernal (cf. frgs. 16-17, e 20 [?] D.-B. [= 13-15 Aclr.]) da Areta *ποντοχάρυβδις, ἐγγαστριμάχαιρα, ὅσ' ἐσθίει οὐ κατὰ κόσμον* do frg. 77 D.-B. (135 Adr.). Esse abjecto *μητροκοίτης* (frg. 15 D.-B. = 12 Adr.)<sup>8</sup>, 'impuro' (*ἐναγής*, frg. 13 D.-B. = 95.15 Adr.), 'sovado-de-Zeus' (*διοπλήξ*, frg. 12.1 D.-B. = 19.1 Adr.) e 'amaldiçoado dos deuses' (*θεοῖσιν ἐχθρός*, frg. 65 A.1 D.-B. = 70.7 Adr.), votado ao suplício do *φαρμακός* (cf. frgs. 7-11 e 13 D.-B. = 6-10 e 95.15 Adr.) — é certamente o *ἰκτῖνος* do verso que estudamos, o monstruoso glutão de nariz sacrílego e beiços vorazes como o bico de uma garça do frg. X D.-B. (118 Adr.)<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Repugna a muitos estudiosos — para citar apenas dois exemplos recentes: Pontani, *Letteratura greca*, I (Florença, 1954), p. 174, e Adrados, *Elegíacos y yambógrafos arcaicos*, II (Barcelona, 1959), p. 67, n. 2 — a ideia de um Búpalo filho e amante de Areta; o próprio Brink, que a lançou (*Hipponactea*, «Philol.», 6 [1851], p. 45), admitia (ibid., p. 79), para conforto dos cépticos, que o primeiro elemento de *μητροκοίτης* pudesse relacionar-se com *μήτηρ* 'μαστροπός' ('abelha-mestra', em gíria portuguesa): mas o frg. 65 A D.-B. (70. 7-8 Adr.).

τὸν θεοῖσιν ἐχθρὸν τοῦτον ὃς κατευδοῦσης  
τῆς μητρὸς ἐσκόλευε τὸν βρύσσον

recentemente aparecido, não favorece tal interpretação. A quem se recordar do duplo incesto de Cálías (Andóc., 1.124-128) e do Gélío catuliano (88-91) a *μητρομιξία* de Búpalo parecerá, com certeza, menos extraordinária.

Vem a propósito indagar se no *Μητροτίμος ὁ σκότος* do frg. 72 D.-B. (122 Adr.) — citado por Heféstion sem nome de autor, mas muito provavelmente hiponacteu (cf. frg. IV.18 D.-B. = 79.17 Adr. *τὸν ἔρπιν ὁ σκότος καπηλεύει*) — se ocultará também o inimigo principal do poeta. A hipótese partiu novamente de Brink (l. laud., p. 79), e Masson (l. laud., p. 302) declara-a «não inverosímil». *Μητροτίμος* é certamente um «nome falante»: mas — longe de se prender ao culto de Cibele, como pretendia Brink — exprime, no seu valor de *a matre honoratus*, um sarcasmo feroz do poeta.

<sup>9</sup> Aproximando do v. 3 deste fragmento — *λαμῆι δέ σοι τὸ χεῖλος ὡς ἔρωιδισῶν*, há muito conhecido por uma citação do escoliasta de Nicandro, *Theriaca*, 470 — o frg. 21 D.-B. (16 Adr.)

ἐγὼ δὲ δεξιῶι παρ' Ἀρήτην  
κνεφαῖος ἐλθὼν ῥωιδιῶι κατηγλίσθη

Brink (l. laud., p. 52) via no *ῥωιδιός* uma alusão a Búpalo e à sua irreprimível voracidade. A opinião é sugestiva, mas não deve esquecer-se — o facto passou des-

Raras vezes as fontes nos indicam o livro dos *Ἰαμβοὶ* de onde são extraídos os versos, partes de versos ou simples palavras de Hipónax: mas sabemos, por duas citações do bizantino Tzetzes (*Schol. in Lycophr.* 219 [frg. 4 D.-B. = 3 Adr.] e *Exeg. in Iliad.* 792 b [frg. 5 D.-B. = 4 Adr.]), que o livro I era dirigido *κατὰ Βουπάλου*. Ora o códice U de Querobosco atesta explicitamente que o verso *δοκέων ἰκτῖνον τῆι βακτηρίηι κόψαι* pertencia ao livro I dos *Ἰαμβοὶ* hiponacteus (*καὶ*

percebido até ao presente — que os dois versos de Hipónax representam a adaptação burlesca de um passo famoso da *Dolonia* homérica (K 274-276):

τοῖσι δὲ δεξιὸν ἦκεν ἐρωδιὸν ἐγγυὸς ὁδοῖο  
 Παλλὰς Ἀθηναίη τοὶ δ'οὐκ ἴδον ὀφθαλμοῖσι  
 νόκτα δι' ὀφθαλίην, ἀλλὰ κλάγξαντος ἄκουσαν.

(v., sobre este passo, o estudo de Cuillandre, *La droite et la gauche dans les poèmes homériques*, Paris, 1944, pp. 129-132).

Além disso, o *ἐρωδιός* — informação do *Etymologicum Magnum*, s. u. — era sagrado a Afrodite: motivo bastante, em um contexto de subentendidos eróticos, para justificar a menção de Hipónax. Conhecemos, no entanto, um fragmento de Semónides (8 D.-B. = 9 Adr.) em que parecem atribuir-se à garça hábitos de rapina semelhantes aos do milhafre:

ἐρωδιός γὰρ ἔγγελην Μαιανδρίην  
 τρίορχον εὐρών ἐσθίωντ' ἀφείλετο.

Nem seria absurdo, aliás, imaginar um Búpalo *ποροβοσκός* (como o Bátaro do mimo II de Herodas) que, por amor do lucro, favorecesse (ou «ignorasse»), em determinado momento, as visitas de Hipónax a Areta: qual a descrita, com pormenores de escatologia extrema, no frg. 14 A D.-B. (= 92 Adr.) — se é lícito aceitar, neste sentido, a sugestão de Lavagnini (*Sul nuovo frammento dei giambi d'Ipponatte*, in *Da Mimnermo a Callimaco*, p. 66), aparentemente confirmada pelo frg. VI D.-B. (= 84 Adr.).

É possível que à glotonaria de Búpalo se refiram ainda, como sugere Masson (l. laud., p. 302), os dois compostos cómicos *μεσσηγυδορποχέστης* (127 Bergk = 166 Adr.) e *σνκοτραγίδης* (134 Bergk = 167 Adr.); *ἡμίανδρος* (114 Bergk = 165 Adr.), também apontado com dúvida pelo filólogo francês, não nos parece tão provável (poderia alvejar outros inimigos do poeta, o Mimna *κατωμόχανος*, por exemplo, do frg. 45 D.-B. = 28 Adr.); *γυναυκοπίτης* (coment. a Hipón. 6.9 = 118.15 Adr.), pelo contrário, e *χειρόχωλος* (139 Bergk = 163 Adr.), que Masson esqueceu, representam talvez — o primeiro pela sua posição no comentário do epodo, o segundo pelo contraste com os predicados físicos reconhecidos ao poeta (*ἀμφιδέξιος* [70.2 D.-B. = 120.2 Adr.] e *ἀκρότονος* [Metrod. Céspedes. ap. Aten. 12.552 cd]: observação de Brink, l. laud., p. 46) — outros insultos de Hipónax contra a sórdida personagem.

πάλιν παρὰ Ἰππώνακτι ἐν τῷ πρώτῳ ἰάμβῳ): trata-se de um argumento suplementar em favor da identificação de Búpalo no ἰκτῖνος — que o poeta, ou os amigos da sua roda, se preparavam para castigar a varapau.

## II

Ao iambógrafo de Éfeso atribui Polémon (ap. Ateneu, 15.698 bc) a criação da paródia como género literário — merecimento que Aristóteles (*Poética*, 1448 a. 12-13) dava, pelo contrário, a um autor cómico do século v a. Cr., Hegémon de Tasos. Prescindindo do caso do *Margita* e da *Batracomiomaquia*, a prioridade de Hipónax, pelo menos no tocante à paródia em hexâmetros<sup>10</sup>, dificilmente pode ser contestada; e a opinião do Estagirita explicar-se-ia<sup>11</sup>, segundo Pianko (*Il poema parodico d'Ipponatte*, «Charisteria Sinko», Varsóvia, 1951, pp. 255-260), por ter sido Hegémon o primeiro a cultivar sistematicamente aquele género de poesia<sup>12</sup>. Não nos propomos, aqui, reabrir a questão, mas tão-sòmente considerar um problema ligado à interpretação dos quatro hexâmetros de Hipónax que Ateneu reproduziu com a citação de Polémon (l. laud.):

Μοῦσά μοι Εὐρυμεδοντιάδεα τὴν ποντοχάρυβδιν,  
τὴν ἐγγαστρομάχαιραν, ὅς ἐσθλεί οὐ κατὰ κόσμον,  
ἐννεφ<sup>3</sup>, ὅπως ψηφίδι <κακός> κάκον οἶτον ὄληται  
βουλῆι δημοσίηι παρὰ θῖν' ἄλός ἀτρογέτοιο.

Tal é o texto unânimemente aceite nas edições de Bergk (frg. 85), Diehl-Beutler (77.1-4) e Adrados (135)<sup>13</sup>. Convém desde já esclarecer

<sup>10</sup> Em iambos é possível que já Arquíloco a houvesse tentado: cf. τὸν κερροπλάστιγν ἄειδε Γλαῦκον (frg. 92 Lasserre-Bonnard) e o comentário de Bonnard a este verso (*Fragments d'Archiloque*, col. Budé, Paris, 1958, p. 30).

<sup>11</sup> Resumo cómodo das discussões antigas em Brandt, *Corpusculum poesiae epicae ludibundae*, Leipzig, 1887, pp. 31-34.

<sup>12</sup> Se é que não foi ele o criador da palavra designativa do género (notar que Aristóteles diz, empregando o plural, Ἡγήμων δὲ ὁ Θάσιος ὁ τὰς παρωιδίας ποιήσας πρώτος) — observa Rostagni, *Poetica di Aristotele* (Turim, 1948, p. 11).

<sup>13</sup> À parte uma divergência em *Εὐρυμεδοντιάδεα* (v. 1), que Diehl-Beutler escrevem *Εὐρυμεδοντιάδεω*, aceitando uma «correção» inútil de Wilamowitz (cf. Mas-son, l. laud., p. 313); e outra em *ἐννεφ<sup>3</sup>* (v. 4), «emendado» para *ἐννεπ<sup>3</sup>* por Diehl-Beutler e Adrados, quando a imitação homérica (cf. ὅπως por ὅκως no v. 3) torna inc-rta, senão improvável, neste caso, a psilose normal no dialecto de Hipónax.

que a indicação de lacuna preenchida só vale para os códices *antiquiores*, que apresentam apenas (assim o *Marcianus*, A) *ψηφίδι [ ] κακόν*: os *recentiores* trazem *ψηφίδι κακῆι κακόν* — e os três primeiros editores (Welcker, Schneidewin, Meineke) não hesitaram em aceitar esta lição. Até que o filólogo Cobet, invocando com razão um paralelo homérico — ρ 217 *κακός κακόν ἠγηλάζει* —, persuadiu os estudiosos a preferir *κακός* a *κακῆι*.

Brink (*Hipponactea*, «Philol.», 6 [1851], pp. 57 e 79) e Peltzer (*De parodica Graecorum poesi*, Münster, 1855, pp. 20-28) sugeriram que o fragmento fosse dirigido contra Búpalo, cômicamente designado pelo patronímico *Εὐρουμεδοντιάδης*. A ideia foi retomada, quase cem anos depois, por Masson (*Sur un papyrus contenant des fragments d'Hippanax*, «Rev. ét. gr.», 62 [1949], pp. 314-319), o qual observou, com perspicácia, que a Areta da *Odisseia*, esposa de Alcínoo, descendia, como o marido, de quem era irmã — através de Nausítoo, seu pai, e de Peribeia, sua avó —, do rei dos Gigantes, Eurimédon (η 58). Admitida, porque perfeitamente adequada ao clima paródico, a assimilação da Areta homérica à Areta hiponacteia, segue-se que esta poderia, com burlesca naturalidade, ser designada por Eurimedontiade: e o patronímico assentaria também, claro está, a Búpalo, se filho de Areta — como supõe evidentemente Masson<sup>14</sup>. O fragmento conteria, portanto, uma explícita menção do destino — já vislumbrado noutros fragmentos (cf. 7-11 e 13 D.-B. = 6-10 e 95.15 Adr.) — que Hipónax augurava ao seu inimigo: a morte infamante de um *φαρμακός*<sup>15</sup>.

O raciocínio de Masson carece apenas, em nosso entender, de uma rectificação: os hexâmetros paródicos não são dirigidos contra Búpalo, mas sim contra a própria Areta. A sugestão criada pelo patronímico *Εὐρουμεδοντιάδεα* (v. 1)<sup>16</sup>, a aceitação de *ός* no verso 2, a admissão generalizada do suplemento (correção) *κακός* de Cobet (v. 3) — senão a relutância em imaginar uma poesia épica (paródica embora) centrada em torno de uma mulher — levaram a maioria dos editores dos últimos cem anos (única excepção Knox, frg. 89) a negligenciar a dupla despertativa *τὴν ποντοχάρυβδιν, τὴν ἐγγαστριμάχαιραν* (vv. 1 e 2) e a lição *κακῆι* dos *recentiores*.

Na realidade, embora *-αδης* (e *-ιδης*) em Homero indique geral-

<sup>14</sup> Cf. nota 8.

<sup>15</sup> Cf. nota 21.

<sup>16</sup> E talvez pela expressão «técnica» *βουλῆι δημοσίηι* (v. 4).

mente descendência masculina (cf., no entanto, *Z* 420 *ὄρεστιάδαι νύμφαι*), *Εὐρυμεδοντιάδης* foi determinado, em início de poema, pela sugestão da forma *Πηλητιάδης* de *A* 1 (cf. também *Ἀρητιάδης* de *π* 395?): e a *Ηιρόναξ* pareceu que a apropriação de tal patronímico a uma heroína... de gargante, longe de ser injustificada, representava, afinal, um acréscimo de ênfase burlesca. Os dois compostos *ποντοχάρυβδης* e *ἐγγαστριμάχαιρα*<sup>17</sup> vêm claramente precedidos da forma feminina do artigo: mas não será talvez inútil observar que dos numerosos compostos que neles se inspiraram — *ποντοκόκη* (Com. adesp. 893), *ποντοφάρυγξ* (Com. adesp. 1121), *γαστροχάρυβδης* (Cratin. 397), *μεθυσοχάρυβδης* (Com. adesp. 1077) são modelados pelo primeiro, *ἐγγαστρίμαντις* (ap. Pól. 2.186, Suda s. u. *ἐγγαστρίμυθος*), *ἐγγαστρίμυθος* (vários), *ἐγγαστρόχειρ* (Escol. Paris. Apol. Ród. 1.989), *ἐγχειρογάστωρ* (Cleant. ap. Clearco 16, Zonaras) pelo segundo —, *ποντοκόκη*, *μεθυσοχάρυβδης* e *ἐγγαστρίμυθος* se referem exclusiva ou predominantemente a indivíduos do sexo feminino<sup>18</sup>. Quanto à lição *ὄς ἐσθίει* do v. 2, já Kalinka (cit. por Knox, p. 60) indicara a correção natural *ὄσ' ἐσθίει*, adoptada pelo editor inglês. Por último, a forma *κακῆι* dos *recentiores* — explicável por uma desatenção do copista, que se julgou obrigado a concordar o aparente adjectivo com o substantivo *ψηφίδι* que imediatamente o precedia — deverá ser emendada não para *κακός*, como entendia Cobet, mas para *κακή*, como se lê em Knox.

Não é por acaso, certamente, que no frg. 77.5 D.-B. (136 Adr.).

*πῶς παρὰ Κυψοῦν ἦλθε;*

— uma relíquia de hexâmetro atribuída por Diehl ao poema paródico que temos estudado —, figura o cómico hipocorístico *Κυψώ*, que, evocando na aparência a ninfa *Καλυψώ* da *Odisseia*, foi calcado sobre uma acepção obscena de *κύπτω*<sup>19</sup>. Parceira de Búpalo em comezainas e

<sup>17</sup> Cf. também a glosa de Hesíquio *ἐγγαστριμάχαιραν τὴν ἐν γαστρὶ κατέμνονσαν*.

<sup>18</sup> *ποντοκόκη γυνή ἢ οὔτω πανούργος, ὡς καὶ τὴν θάλατταν κυκᾶν...* (Frín., in Bekk. *Anecd.* p. 61-4; Arcád., p. 102.16 explica: *ἢ παραχώδης γυνή*); *μεθυσοχάρυβδης ἐπὶ γυναικὸς μεθύσου, οὐκ ἐπ' ἄρρενος* (Frín., in Bekk. *Anecd.*, p. 51.22); para *ἐγγαστρίμυθος*, v. *Thes. Graec. ling.*, s.u.

<sup>19</sup> Cf. frg. 22 D.-B. (17 Adr.) *κύψασα γάρ μοι πρὸς τὸ λόγγον Ἀρήτη* (e Arquil. 46.2 Lasserre-Bonnard). Já Diehl, desde a primeira edição da sua colectânea (Leipzig, 1925) remetia do fr. 77.5 para o 22. E Terzaghi (*L'odio di Ipponatte ed il I epodo di Strasburgo*, «St. it. filol. class.», 17 [1940-41], p. 235) insistia justamente na ideia.

beberronias (frgs. 16-17 D.-B. = 13-14 Adr.), mãe incestuosa do *ἐναγής* (15 e 65 A D.-B. = 12 e 70.7-8 Adr.), *quadrantaria*<sup>20</sup> súbdola e explo-

<sup>20</sup> Contra Areta devem ser dirigidos todos ou alguns destes tremendos apodos de meretriz conservados pela Suda (s.u. *μυσάχνη*) e por Eustátio (1329): *ἀνασεισίφαλλος* (111 Bergk = 161 Adr.), *ἀναστυτόλις* (111 Bergk = 160 Adr.) e *βορβορόπης* (110 Bergk = 159 Adr.): provável paródia homérica, cf. *βοῶπις*, *γλαυκῶπις*, *κυνῶπις*/*κυνώπης*). Também *βολβίτου κασιγνήτη* (70 A Bergk = 129 Adr.)? O frg. 78 D.-B. (137 Adr.)

*τί με σκιράφοισ' ἀτιτάλλεις;*

outra relíquia de hexâmetros, pertencente talvez ao mesmo poema paródico, exprime decerto uma reacção do poeta às propostas de Areta ou das fâmulas do seu *δοῦλος*: era corrente, de facto, em prostíbulos, o jogo dos dados — e manivérsias correlativas (cf., para a forma, o frg. 20 D.-B. [=15 Adr.] *τί τῶι τάλαντι Βουπάλῳ συνώικησας*);

O epodo segundo de Estrasburgo — tão diverso do primeiro em tom, linguagem e ambiente que bem se compreende a relutância de muitos estudiosos em admitir um só autor para ambas as composições — está, por capricho da sorte, obliterado precisamente nos versos que nos dariam a chave da situação (1, 2 e 9). Perrotta (l. laud., p. 40) e Cantarella (*Gli epodi di Strasburgo*, «Aegyptus», 24 [1944], pp. 74-77) concordam, todavia, em considerá-lo dirigido a uma *πόρνη* — Areta, na opinião de ambos —, a qual, com as suas malas-artes eróticas, trazia ilaqueados alguns homens: Hipónax (?), Arifanto, Esquílides. A convivência, porém, se encarregou de ir um a um desenganando os pretendentes: e primeiro que todos Hipónax (?), a vítima por certo mais antiga daquela «Helena prostibular» (Cantarella, *ibid.*, p. 77) e cavilosa. Uma refrega entre Arifanto, o ladrão de rescendor caprino, e Esquílides, o pucareiro, precipita o desenlace: Arifanto — que devia ser um *λωποδύτης* da força do Orestes aristofânico (*Acarn.* 1166, *Aves* 1491) e do Aristófon de Herodás (2.11-13) — arrebatada à *πόρνη*... não sabemos o quê, mas presumimos que se trate da *χλαῖνα* simbólica dos seus enredos libertinos. E tanto basta, afinal, para desvendar toda a cabala (*πᾶς δὲ πέφηρε δό[λος]*, v. 10).

Não é aqui o lugar próprio para reeditar em pormenor os argumentos apresentados pró e contra a autoria hiponacteia dos epodos de Estrasburgo, desde a sua publicação por Reitzenstein em 1899. Conservam em grande parte o seu valor as razões que invocaram, a favor do iambógrafo de Éfeso, Blass, Fraccaroli e, sobretudo, Perrotta (depois também Lasserre e o «convertido» Masson): — razões «externas» (mesmo papiro, mesma escrita, mesmo metro, presença de escólios em ambos os fragmentos — improvável a hipótese de uma antologia) e razões «internas» (*métricas*: presença da «*correptio attica*» nos dois fragmentos e de monossílabos depois da cesura no primeiro; *linguísticas*: emprego do artigo como tal, de *ὡς* seguido de substantivo, da forma *κω* no segundo epodo; *estilísticas*: gosto dos parênteses, citação do próprio nome do poeta [?] no segundo epodo — improvável a atribuição a Arquíloco, muito provável a Hipónax; inexistência de *διηγήσεις* referíveis a um ou outro dos epodos — improvável a atribuição a Calímaco; grande severidade do trímetro iâmbico —

radora (15 D.-B. = 12 Adr.; cf. 126 Bergk = 153 Adr. e o epodo II de Estrasburgo [= Arquíl. 80 D.-B., Hipón. 117 Adr.]?), em cujo *δοῦλος* miserando ninguém poderia ser arguido de adultério (67 D.-B. = = 30 Adr.) — Areta estava condenada, *βουλῆι δημοσίηι*, como o filho, à sorte ignominiosa do *φαρμακός* lapidado *παρὰ θῖν' ἄλως ἀτρυγέτοιο*<sup>21</sup>.

Coimbra, Outubro de 1960.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

improvável a atribuição a outro poeta helenístico). O descobrimento, em um comentário a Hipónax, de alguns versos epódicos do poeta (frgs. X e XII D.-B. = 118 Adr.) veio, por outro lado, reforçar a convicção, já enunciada por Blass e Perrotta, de que Horácio imitava, no epodo 10, o *acer hostis Bupalò* e não Arquíloco. Mas o problema, infelizmente, é dos que se não podem resolver sem uma prova tangível — como seria, por exemplo, a realidade do escólio *σημαίνει [τὸν Βοῦ]ταλ(ον)* que Blass distinguia na margem esquerda do último verso do epodo I.

<sup>21</sup> Tem suscitado infinitas discussões (bibliografia esmagadora em Gebhard, art. *Thargelia* do *PWRE* 10 [1934], coll. 1287-1304, em especial 1293-1295) o problema de saber se, na Iónia antiga, os *φαρμακοί* eram realmente executados ou apenas expulsos, depois de flagelação e de apedrejamento, do território das cidades. Pensamos como Cassola (*La Ionia nel mondo miceneo*, Nápoles, 1958, p. 222) que «a diferença é puramente formal: mesmo nas cidades onde as vítimas não eram mortas, custa a acreditar que sobrevivessem por muito tempo à cerimónia em que tão intensamente haviam participado».

Aos argumentos invocados por Masson (l. laud., pp. 316-319; cf. também Pestalozza, *Religione mediterranea*, pp. 282 e segs.) em defesa do testemunho de Tzetzes e da execução do *φαρμακός*, acrescenta-se um verso de Hipónax citado alhures pelo Bizantino (*Exeg. in Iliad.* A 314), o fragmento novo 65 B D.-B.

*πρόμνης ἀπ' ἄκρης ἐς θάλασσαν σπεύδοντες*  
(emendámos *ἄκρας* do códice; assim também Adrados, frg. 65)

em que parece aludir-se ao lançamento ao mar das cinzas do condenado (cf. Tzetzes, *Historiarum variarum Chiliades* [ed. Kiessling], 736 *καὶ τὸν σποδὸν εἰς θάλασσαν ἔρριπτον καὶ ἀνέμους*).

Quanto à possibilidade de o *φαρμακός* ser uma mulher, cf. Hesíquio *φαρμακοί καθαυτήριαι περικαθαίροντες τὰς πόλεις, ἀνήρ καὶ γυνή*,